

## O PROBLEMA DE GETTIER

ROBERTO SCHMITZ NITSCHE<sup>1</sup>; JULIANO SANTOS DO CARMO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal De Pelotas – ronitsche@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal De Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A questão do conhecimento é uma das mais problematizadas da filosofia desde sua origem até os dias atuais. Afinal, como podemos obter conhecimento? Várias foram as tentativas de demonstrar como se pode obter conhecimento sobre algo. A mais antiga remonta a Platão, que nos diz que o conhecimento deve partir de uma crença verdadeira seguida de *lógos*. Durante a história da filosofia poucos filósofos questionaram essa definição.

Na década de 1960 é que o problema da definição de conhecimento tem seu auge, vários autores tentavam solucionar o problema sem conseguir fazê-lo de forma definitiva. Em 1963 surge Edmund Gettier com seu artigo “IsJustifiedBeliefKnowledge?”, que em apenas três páginas demonstra a partir de contraexemplos que ainda que todas as condições da definição clássica sejam satisfeitas não é possível dizer que em todos os casos obtemos conhecimento.

A partir de então, até os dias atuais, temos uma enormidade de correntes que tentam solucionar o problema levantado por Gettier. Coloca-se em questão se devemos utilizar justificações internas ou externas, se devemos ter uma premissa de onde as outras se fundamentarão, e ainda se essa mesma deve ser infalível ou falível, se devemos usar uma cadeia infinita de premissas ou se devemos evitar o regresso epistêmico através de premissas básicas.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia empregada foi a análise qualitativa em bibliografia especializada sobre o tema da pesquisa. Este é efetivamente o principal instrumento metodológico aplicado a área da Filosofia. Buscou-se realizar uma leitura aprofundada e comparativa do texto de Edmund Gettier e, em um segundo momento, buscou-se avaliar os impactos da posição de Gettier na Epistemologia Contemporânea.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A definição clássica de conhecimento, elaborada por Platão, que vigorou por mais de dois milênios e meio, pode ser expressa da seguinte maneira:

S (um sujeito epistêmico qualquer) sabe que P (uma proposição qualquer) se e somente se:

- (1) S crê que P
- (2) P é verdadeira
- (3) S está justificado em crer que P

Em 1963 Gettier apresenta dois contraexemplos com os quais ele demonstra que a definição platônica, apesar de apresentar condições conjuntamente necessárias, tais condições não são suficientes para que se tenha conhecimento. Tomemos um dos exemplos:

“Suponha que Smith e Jones tenham se candidatado a certo emprego. Suponha também que Smith tem forte evidência para a seguinte proposição conjuntiva: (d) Jones é o homem que ganhará o emprego e Jones tem dez moedas em seu bolso. A evidência de Smith para (d) pode ser a de que o presidente da companhia lhe garantiu que, no final, seria Jones o selecionado e que ele, Smith, contou as moedas no bolso de Jones há dez minutos atrás. A proposição (d) implica: (e) O homem que ganhará o emprego tem dez moedas em seu bolso. Suponhamos agora que Smith percebe a relação de implicação de (d) para (e) e aceita (e) com base em (d), para a qual ele tem forte evidência. Nesse caso, Smith está claramente justificado a crer que (e) é verdadeira. Mas imagine, além disso, que Smith não sabe que ele próprio ganhará o emprego; e não Jones. Imagine também que Smith não sabe que ele próprio tem dez moedas em seu bolso. A proposição (e) é então verdadeira, embora a proposição (d), a partir da qual Smith inferiu (e), seja falsa. Portanto, em nosso exemplo, todas as seguintes afirmações são verdadeiras: (i) (e) é verdadeira, (ii) Smith crê que (e) é verdadeira e (iii) Smith está justificado a crer que (e) é verdadeira. Contudo, é igualmente claro que Smith não sabe que (e) é verdadeira; pois (e) é verdadeira em virtude do número de moedas no bolso de Smith, ao passo que Smith não sabe quantas moedas há em seu bolso e sua crença em (e) se baseia na contagem do número de moedas no bolso de Jones, que ele falsamente acredita ser o homem que ganhará o emprego”. (GETTIER, 2013)

Com esse exemplo fica muito claro o poder dos ataques de Gettier. Todas as condições clássicas apontadas acima são satisfeitas e mesmo assim não alcançamos o conhecimento. O epistemólogo nos deixa em um campo minado, pois mostra que ainda não há justificação para o conhecimento e, por incrível que pareça, ele não nos dá uma resposta ao problema. Uma das estratégias para solucionar o problema será a busca por uma quarta cláusula, ou em outras palavras, uma outra maneira de justificar o conhecimento. Muitas respostas foram dadas na tentativa de solucionar o problema. Antes de irmos as principais respostas, será necessário explicitar o que entendemos por internalismo e externalismo, os quais irão figurar como pano de fundo para tais respostas.

Os internalistas defendem que a justificação deve ser dada internamente, acreditam que o conhecimento pode ser construído apenas por reflexão, sem a ajuda de meios externos a sua própria consciência. Na consciência podemos encontrar coisas como nossas experiências, nossas memórias, nossas crenças geradas a partir das reflexões entre outras coisas que acabam por gerar nossas razões e evidências. Assim sendo, o sujeito deve ser capaz de reflexão, investigação sobre seus estados mentais para que com isso possa construir o conhecimento. O externalismo, por sua vez, é a negação do internalismo. Para os externalistas é falso que um sujeito apenas sabe que P se, e somente se, ele pode acessar suficientemente por reflexão aquilo que torna a crença verdadeira de que P em conhecimento.

Uma das respostas mais populares ao problema de Gettier é a seguinte. O fundacionalismo, como o próprio nome diz, é a busca por uma fundação, uma base. Isso significa dizer que todas as premissas complexas devem partir de premissas básicas (ou fundacionais). Essas últimas são chamadas de premissas base, enquanto as premissas complexas são chamadas de premissas secundárias. A premissa básica é a que dará sustentação a todas as outras premissas secundárias. Para tanto, é necessário que a premissa básica seja não-inferencial, inferências serão somente as premissas secundárias, pois elas partirão da premissa básica.

Uma primeira pergunta que pode surgir é a seguinte: como podemos encontrar uma premissa forte o suficiente para armar o edifício de premissas secundárias? A resposta será dada de acordo com cada corrente fundacionalista. No fundacionalismo clássico essa premissa básica precisava ser justificada de modo infalível, ou seja, de uma maneira que não pudesse ser refutada. Para isso podemos citar as premissas básicas da matemática e alguns estados mentais. Usando um destes últimos, Descartes encontrou o *cogito*, o maior expoente do fundacionalismo clássico.

Um problema que surge com essa fundamentação extremamente rígida é que ela limitará muito nossas possibilidades de conhecimento, não conseguiremos encontrar premissas do tipo cartesiano para qualquer coisa que queiramos chamar de conhecimento, esse é um preço alto de mais para se pagar. No fundacionalismo moderado temos uma pequena mudança de perspectiva. Não é mais necessário encontrarmos uma premissa infalível, que não pode estar errada de maneira alguma, podemos muito bem construir nosso prédio com premissas básicas falíveis, construídas a partir das nossas crenças geradas pelas experiências perceptuais do mundo que nos circunda. Logo, essa premissa básica não necessita mais ser não-inferencial.

Outro problema que logo nos salta aos olhos com o fundacionalismo moderado, é que, como não temos mais uma premissa infalível, podemos acabar usando como base da estrutura ou até mesmo dentro dela uma premissa falsa. E isso obviamente faria com que a estrutura desmoronasse caso nossa premissa básica se revelasse como falsa. E outro problema também acaba por surgir: como nossas experiências sensíveis podem se tornar premissas básicas? Estamos falando de campos diferentes, sensações de um lado e premissas logicamente construídas de outro.

No coerentismo, como o nome nos faz pensar, busca-se a coerência, ou seja, um sistema coerente. Nele não há a necessidade, ao contrário do fundacionalismo, de se ter crenças básicas, as crenças podem muito bem sustentar umas as outras, isso significa que não é utilizada uma cadeia justificatória linear, podemos então, entrar em um círculo vicioso, ou melhor, virtuoso. O coerentismo não vê problema em se fazer círculos argumentativos, eles necessitam unicamente estar coerentes com o sistema.

Se digo “vejo um livro em minhas mãos”, e para que a crença de que há um livro em minhas mãos seja aceita, basta que isso esteja em coerência com todo meu sistema de crenças, pois é ele que vai estabelecer se uma nova crença estará de acordo com meu sistema de crenças anterior ao momento em que penso ter um livro em minhas mãos, se tudo se encaixar, temos uma nova crença coerente. Nossos sentidos nos dão apenas a informação e é o sistema que determinará se essa crença é válida ou não, assim fugimos do problema enfrentado pelo fundacionalismo.

Devemos nos ater de que esse sistema coerente deve condizer com a realidade e ser abrangente. Isso evita vários problemas, como uma concepção coerente alucinógena, onde tudo faz sentido para quem está no sistema, mas ele não tem abrangência, as outras pessoas não conseguem chegar ao mesmo tipo de sistema.

Uma crítica que podemos levantar ao coerentismo é como definir o que é coerente, qual o momento em que um sistema é coerente o suficiente para que se possa criar outros sistemas a partir dele. Outro problema que o coerentismo enfrenta é o isolamento, parece que não temos mais um contato direto com a realidade, não

há uma atribuição de justificação à parte sensorial, é uma parte do sistema que já está criado que dirá se a crença será ou não coerente.

No infinitismo temos uma cadeia infinita de premissas, onde a seguinte sustenta a anterior, A é sustentado por B, B é sustentado por C, C é sustentado por D e assim por diante. Uma das críticas a esse sistema é que não podemos seguir infinitamente dando justificativas, seria humanamente impossível. Para sairmos desse problema podemos pensar em coisas que temos como certas, mas que não paramos para analisar, e que podem se seguir infinitamente:  $n + 1 > n$ . Até então, não tínhamos em mente que  $5 + 1 > 5$ , isso mostra que é possível conseguirmos prosseguir infinitamente buscando justificações.

Outro grande problema que o infinitismo tem de lidar é como conseguir justificativas sendo que é preciso buscar uma outra premissa. Para os célicos esse é o ponto em que o infinitismo fracassa, por não conseguir uma justificação. Parece-nos que ao sairmos do campo matemático o infinitismo tem uma dificuldade ainda maior para encontrar respostas às objeções recebidas.

#### 4. CONCLUSÕES

Muito se trabalhou na busca por uma solução ao problema encontrado por Gettier em 1963 sem que se conseguisse solucioná-lo. Muitas tentativas de justificação foram dadas desde então: fundacionalismo, coerentismo, infinitismo, etc. Nenhuma delas, no entanto, conseguiu dar uma resposta satisfatória que não caísse em algum problema, geralmente apontado por uma das respostas concorrentes. Assim segue-se uma verdadeira batalha entre vários grupos em busca da tão esperada justificação. É possível, até que se prove o contrário, que ela nunca seja encontrada e o conhecimento de fato seja injustificável.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ETCHEVERRY, K. M. **O Fundacionismo Clássico Revisitado Na Epistemologia Contemporânea**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- FUMERTON, R. **Epistemologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GETTIER, E. Conhecimento é crença verdadeira justificada? **Revista Perspectiva Filosófica**. Universidade Federal De Pernambuco, v. 1, n. 39, p.124-127, jan/jun 2013.
- GRECO, J.; SOSA, E. **Compêndio De Epistemologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- LUZ, A. M. **Conhecimento E Justificação Problemas De Epistemologia Contemporânea**. Pelotas: NEPFIL Online, 2013.
- PEDROSO, M. M. **Sobre A Possibilidade De Um Infinitismo Moderado**. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília
- ROLLA, G. **Conceito De Conhecimento No Debate Contemporâneo Internalismo E Externalismo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SARTORI, C. A. **Sobre A Viabilidade Do Fundacionismo Epistêmico Moderado**. 2006. Dissertação (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.